2.° DA 4.ª SERIE. N.° 38. 23 JUNHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua das Parreiras n.° 4 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.° 1, rua Augusta — Avulso 30 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.° 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(*Continuação da pag. 434.*)

521 PORTUGAL.

Esta serie de artigos tem sido destinada a inculcar mais precisão nas nossas estimativas, e a introduzir o espirito da anályse em planos, e idéas. Não professo a sciencia do ingenheiro, nem tenho andado por todo o reino, por isso não tenciono, nem posso proseguir no orçamento das outras estradas, assim como fiz com a de Coimbra ao Porto. Em uma unica digressão analoga, entrarei mais, para depois regressar ao que é restrictamente economico e statistico.

Nada conhecemos em Portugal do que temos. Essa incuria me leva a registar aqui por lembrança uma riqueza nacional que o seria mesmo em França e Inglaterra, e creio que no resto da Europa, até na Suecia d'onde vem tanta madeira, mas aonde não ha, segundo a discripção, que fazem d'aquelle paiz os viajantes, uma floresta juncta que chegue aos nossos pinhaes da Marinha Grande.

Esta immensa matta, que tem não menos de 8 legoas de superficie, e cuja planta acaba de ser alevantada pelos jovens officiaes de marinha *Silva e Batalha*, com uma perfeição que não nos-deixa que invejar aos estrangeiros, não tem com tudo uma estrada especial, por onde venha ligar-se ao resto do reino para por elle espalhar e dar saída prompta e barata aos seus productos. Esta falta é de um prejuizo tal que é fôrça, que a *Sociedade das Communicações* a-inclua nas providencias mais urgentes, que tem de tomar, em harmonia com o espirito dos seus estatutos.

Ha perto de 600 annos teve El-Rei D. *Diniz* a previdencia de dispôr este patrimonio para nós, e não obstante a queima, que padeceu em 1824 de mais de um terço, ainda tem 3,000,000 de pinheiros que avaliados a 1000 réis valem réis..... 3.000.000$000
12,000.000 dito a 100 réis..... 1.200.000$000

Réis 4.200.000$000

quero que d'aqui se-tirasse 2½ por cento annualmente, que é bem pouco, incluindo as materias resinosas, sempre eram 105 contos. O estado não chega porém a tirar a quarta parte d'esta quantia, avaliando em umas poucas de vezes mais do que eu o-faço, a madeira que de lá emprega nos Arsenaes Nacionaes. Olhem para a Pauta de 1 de Janeiro 1825 na Gazeta de Lisboa, que lá acharão para comprovação, que os páus que eu avalio em 1000 réis importam, por apoucadas que sejam as suas dimensões, em mais de 3, e de 4, e de 5000 réis.

Uma estrada que circundasse estas plantações fôra o seu unico remedio, porque daria logar a elevar o córte actual de 3000 páus, a 12 vezes essa quantidade ou mesmo 40,000 por anno, que tantos, de mais a mais, é necessario que se-córtem em um pinhal de 3,000,000 d'elles para o-conservar, porque passando dos 70 annos, o pinheiro marítimo, segundo diz o nosso sabio botanico *Brotero*, começa a apodrecer mesmo em pé, e a impedir os novos de vingarem; os quaes morrem á sombra dos velhos.

Na quantidade maior que se-havia de cortar, estabelecida a estrada, beneficiava-se singularmente o pinhal, tiravam-se as sólidas vantagens que legitimamente se-devem derivar de tão conspícua propriedade, e já se-podia dispensar a compostura de preços tão caros para não mostrar ao mundo tanta miseria, qual é a de effectivamente, pelo seu valôr real, não se-extrahirem de todas as mattas nacionaes mais de 4 a 5 contos incluindo n'estes alcatrão, etc.

Poderão dizer que não ha meios. Para coisas taes, como esta, não é admissivel essa resposta. É preciso que os-haja. O governo actualmente está pagando a 90 réis o palmo, pelas conducções da Marinha grande para S. Martinho. Os 40,000 páus que elle conduzisse por estas 5 legoas, tendo termo médio 30 palmos cada um, eram 1,200,000 palmos; estes a 90 réis são 108.000$000 réis. O preço actual da conducção, é bastante para desterrar para os intermundios da escolastica a idéa de similhante movimento, mas se em consequencia da feitura da estrada, este giro industrial alli se-creasse, e a conducção se-reduzisse á terça parte ou a 30 réis, ou a 36 contos, ahi estava que da importancia que era de 108 contos a esta que vinha a ser, havia uma margem de 72 contos que dava bem logar á construcção da estrada, ainda que n'ella se-gastasse toda a differença que se-ía forrar em conducções em um anno, o que não era possivel gastar-se.

Tenho somente fallado até aqui na matta nacional da Marinha Grande, mas n'aquelles contornos ha ou-

tras que são de particulares, e tambem as que pertenceram ao convento de Alcobaça, que ainda que vendam os pinheiros por muito menos dinheiro do que na Marinha Grande, não tirariam menos de 40 contos de rendimento da sua venda, se houvesse a facilidade que eu propunha, contando unicamente com as que são reaes.

O desinvolvimento d'este ramo de riquezas urge com instancia considerado como subsidiario e protector de outros de maior valor. Se se não abrigarem todas as terras que vertem do Monte juncto, montes e colinas da sua dependencia, para o mar, um dos territorios mais ferteis e povoados da Extremadura, segundo o testimunho de S. Ex.ª o Conselheiro Inspector no seu digno relatorio em 1840, depressa ficará soterrado debaixo das arêas impellidas pelos ventos que sópram do oceano e varrem aquella costa. A unica defeza que ha efficaz contra esta invasão é a plantação de pinhaes. Muros não na offerecem egual. Na Nazareth ha uma muralha de 3 braças de alto que foi feita para esse fim, e as arêas já saltam por cima d'ella. Mas para que estas plantações se-effectuem é preciso tambem que haja o incentivo do interesse, o qual não existe por agora, e que se se-deixar de promover teremos de saber cedo que as arêas já chegam a Alcobaça.

Por todas estas considerações, que serão de mais, *José Bonifacio*, quando tractou tão illustradamente do plantio dos pinhaes na nossa costa, para salvar o terrão do seu littoral, esqueceu ou ommittiu o melhor, que foi uma estrada para as madeiras depois da sua creação. Se ella se-emprehender agora, vista a muita abundancia de madeiras no local e falta de pedra, seria acertado ensaiar carris de páu para ella. Desde 1671 existem elles em Inglaterra, aonde só desde 1786 é que se-começaram a pôr de ferro, nos caminhos para as minas.

Entrando no remate d'esta parte do presente artigo, concluirei com os termos da proporção das estradas projectadas, com o territorio, com a população e com os fundos.

A raiz do quadrado da superficie do nosso reino é proximamente 168 milhas, as estradas designadas sommam 594 legoas ou 1782 milhas; dividindo estas pelo número 168 da raiz, toca a cada um d'estes 11 milhas, e dividindo estas pelas 168 milhas, tocarão 0.066 de milha de estrada a cada uma das suas unidades, ou 52 braças a cada 792 ditas, ou 1 braça estrada a cada 15 de terreno. A differença com a Inglaterra será só em estrada real de $\frac{1}{15}$ para $\frac{4}{11}$ ou de 11 para 60, ou a Inglaterra terá perto de 6 vezes mais estradas reaes do que Portugal. A proporção da França será de 100 contra 66 de Portugal. A da Belgica de 71 contra 66. Tocarão a cada milha 1852 individuos. Em Inglaterra tocam 698; em França 1533 dito, e na Belgica 2175. Virão a sair em Portugal a cada individuo $2\frac{1}{2}$ pés de estrada real. Em Inglaterra são 5, na França 3, e na Belgica 2.

Estas proporções para pouco valem porque a densidade da população não é a mesma em todos estes quatro reinos, e além d'isso não é simplesmente pela estrada real a viação das tres nações estrangeiras com quem faço o parallelo. Compõem-se de caminhos departamentaes, vicinaes, de agua, rios, e de ferro. Se todos estes elementos forem tomados em consideração, ficaremos nós mui mal aquinhoados á vista d'elles.

Não é assim porém em quanto á quota da contribuição, o que eu devo lembrar aqui para se-ter cuidado com ella e pelo seu excesso não vir a acontecer uma reacção por onde depois nem pouco nem muito venha a realisar-se. A França é um paiz com um orçamento sempre crescente, nós sempre decadente. Assim mesmo para obras públicas, ordinarias e extraordinarias, não applica ella, n'este genero, mais de 4 a 8 por cento da sua totalidade. Nós não sabemos o que dedicamos porque não temos orbita fiscal. É verdade que o nosso orçamento figura 11 e 12 mil contos de receita; mas duvido que chegue a 700 contos effectivos por mez ou 8400 contos. Calculando por esta somma, que é o mais seguro, e confrontando com ella a que *realmente* se-ha-de alevantar dos proletarios e dos proprietarios, teremos que para este objecto será a contribuição igual a 25 por cento, incluindo já essa mesma contribuição (8400+2560+250) 11.210:100::2810:25. *(Continuar-se-ha.)*

Claudio Adriano da Costa.

VOCABULARIO DOS TERMOS USADOS NAS ARTES E OFFICIOS.

522 A Sociedade Escholastico-Philomatica de Lisboa, que tem já tres annos d'existencia, periodo demasiado longo para uma Sociedade que, entregue a seus proprios recursos, e tendo que luctar com milhares de difficuldades, tem visto desapparecer outras Associações com melhores auspicios começadas, e de que muito havia que esperar, á vista da grande copia de meios, de que podiam dispôr, tem pelas suas obras deixado mentiroso o adagio de que — coisas, que rapazes fazem, são sempre pouco duradoiras. Uma empreza encetou ella, da qual honra e gloria lhe-poderá vir, se fôr levada a cabo, como esperamos.

É essa empreza nada menos do que a organisação d'um Vocabulario Portuguez dos termos usados nas artes e officios, empresa, cuja idéa é agigantada, e que se chega a realisar-se irá influir consideravelmente no progresso das artes em Portugal, facilitando a traducção d'obras sobre este assumpto, cuja maior difficuldade está na ignorancia dos termos technicos. A Sociedade nomeou uma junta ou commissão de tres membros afim de colligir os materiaes para esse Vocabulario; e sabemos que essa commissão já alguma cousa tem feito, e continúa a fazer, dando alguns passos para melhor conseguir o seu fim, e dirigindo-se a varios Artistas, e aos Directores de diversos estabelecimentos, tanto públicos como particulares, dos quaes ha recebido as mais lisongeiras promessas de coadjuvação.

Não desconhecemos as difficuldades da empreza; mas tambem nos-lembramos da sua importancia; e por isso rogamos á commissão que não desanime; pois tudo o que fizer, por pouco que seja, é muito em comparação do que ha a tal respeito; porque tirando a obra de Fr. *João Pacheco*, que tem por titulo — *Divertimento Erudito etc.* — pelo decurso da qual se-encontram pequenos vocabularios de varias sciencias e artes, obra excellente para o tempo em que foi publicada, mas que hoje em dia é insufficiente, e só póde servir de núcleo a esse projectado Vocabulario, nada mais achâmos, do que obras avulsas, que versam sobre algumas artes, e essas mesmas poucas, além d'algumas memorias, e jornaes, em que se-torna mui difficil e trabalhoso andar a procurar os ter-

mos technicos e suas significações, sendo muito para lamentar, que não chegasse a vêr a luz publica a traducção da *Technologia de Beckmann*, que *Gregorio José de Seixas* se-propunha a mandar imprimir, e da qual nada mais consta existir, do que o annuncio feito para a obra, em 1813, no Jornal de Coimbra.

Parece-nos tambem, que os Socios não devem descançar na commissão, pois que ella só não póde fazer tudo; por isso muito conviria, que cada um, na parte que lhe-fôsse possivel, concorresse para esta proveitosa tarefa com o seu auxilio. Estamos certos egualmente, de que a Sociedade em geral, e a commissão em particular, não engeitariam a coadjuvação e ajuda, que pessoas estranhas á mesma Sociedade, e que por ventura tenham alguma coisa feita a este respeito, ou possam vir a fazer, lhes-queiram prestar; e bem ao contrario mui reconhecidas lhes-ficariam: porque o assumpto é todo nacional, e como tal interessa igualmente a todos os amantes dos progressos da industria portugueza.

Sabemos que a mesma Sociedade tenciona celebrar uma Sessão onde se-tractará do assumpto, e se-mostrará o estado, em que se-acham os trabalhos da commissão, e bem assim as difficuldades, que tem sido preciso vencer.

Avante — prosegui na vossa obra meritoria, e sustentai o bom credito da estudiosa mocidade portugueza; que as bençãos da patria vos-cubrirão, e a estima dos homens sensatos vos-indemnisará do sorrir de despreso d'esses, que capricham em não deixar progredir qualquer instituição util; que querem achar perfeição onde não póde havel-a; e que em summa procuram com as armas do ridiculo minar os alicerces das Associações, cuja existencia é um dos mais poderosos meios da civilisação d'um povo.

A. J. de Sousa.

NOVAS OBSERVAÇÕES SOBRE O TRATAMENTO MORAL DA LOUCURA.

523 A opinião, quasi geralmente recebida, de que a causa da loucura consiste em uma lesão material e visivel do cerebro, desviou a maior parte dos Medicos, que se-teem occupado d'alienação mental, da applicação de um tractamento moral energico; todavia o cerebro dos alienados só se-acha visivelmente alterado n'aquelles, cuja loucura se-complica com desordem nas funcções organicas; e ainda quando houvesse verdadeira alteração do cerebro nos alienados, muitos Facultativos habeis pensam que o tratamento moral, effectuado por via das idêas e das paixões, seria ainda o que offereceria mais plausiveis resultados. Com effeito a observação do que tem logar nos idiotas, em cujo cerebro existe um vicio congenito ou adquirido, confirma o expendido; pois que não é por meio de agentes physicos, mas sim por meios moraes empregados com habilidade e perseverança, que se-podem obter na intelligencia, e nas paixões d'aquelles individuos mudanças quasi maravilhosas.

Importantes são os resultados colhidos do tratamento moral no Hospicio de *Bicêtre* em Paris, pelo Dr. *Leuret*, o qual julga, que os Facultativos não têem tirado d'elle as vantagens, que esperavam, por haverem sempre subordinado o tratamento moral ao physico. Daremos aqui uma succinta noticia do methodo, que elle hoje emprega.

Leuret designa pelo nome de *tractamento moral*, o uso razoavel de todos os meios, que obram directamente sobre a intelligencia, e sobre as paixões dos alienados. Em opposição com a pratica dos Medicos, que combatem as idêas falsas, e as paixões delirantes por evacuações sanguineas, exutorios e purgantes, elle recorre ao tractamento moral, e só a este tractamento, quando a loucura se-mostra isolada de symptomas physicos. — Reduz-se pois o tractamento a combater pelo raciocinio as idêas loucas, ou extravagantes dos alienados, e a convence-los pelo ascendente, que se-toma sobre elles, de que estão em erro. Eis-aqui os meios, que ao mesmo tempo o Medico deve empregar para obter este resultado.

Emborcações e affusões. — A emborcação é um dos meios mais efficazes no tractamento das molestias mentaes. Administra-se do seguinte modo em *Bicêtre*: colloca-se o doente em uma tina d'agoa tépida, e deixa-se-lhe cahir sobre a cabeça, durante um espaço de tempo, que varía de 5 a 6 até 20 ou 30 segundos, uma columna d'agoa fria, que tenha pouco mais ou menos uma pollegada de diametro, e oito palmos de altura. Doentes ha, que a-supportam por muito tempo, e que a-recebem mesmo com prazer; outros mostram muito mêdo e basta pô-los em uma tina, acima da qual esteja uma torneira, para fazerem as mais largas concessões, e renunciarem inteiramente ás idêas, a que mais se-affeiçoavam. Para empregar as affusões, colloca-se o doente em um plano inclinado, e derramam-se-lhe sobre o corpo alguns baldes d'agua fria, cujo numero varía de 5 a 6 até 25 ou 30. Este meio é um excellente adjutorio das emborcações, e produz os mais felizes resultados.

Canto e musica. — Os alienados, reunidos em grande numero em um vasto local, repetem todas as manhãs pedaços de musica, que lhes-foram ensinados, achando-se para este fim um Mestre de canto aggregado ao Estabelecimento. Duas vezes por semana se-fazem concertos musicos, aos quaes assistem quasi sempre algumas pessoas estranhas, ou alguns Membros do *Concelho dos Hospitaes*. Os cégos do Estabelecimento concorrem a estas solemnidades, prestando o auxilio de seus instrumentos, e accompanhando os cantos. Já muitas vezes o Dr. *Leuret* conduziu os seus doentes á missa, e lhes-fez executar, durante o Officio Divino, peças de musica, que de antemão tinham apprendido. Sempre teve por onde se-felicitar de seu bom proposito, e da execução.

Escóla. — Esta bella instituição tem por fim instruir e distrahir os doentes. Todos os dias lhes-são dadas por Mestres, especialmente encarregados d'estes objectos, lições de lêr, escrever, contar, e orthographia; obrigam-n'os a lêr em voz alta e intelligivel; a apprender a lêr e recitar versos, e em summa procura-se deixar-se-lhes o menos tempo possivel para se-entregarem ás suas loucas idêas, e por estes meios variados se-consegue affastar de seu espirito as causas, que motivaram ou ainda alimentam a sua molestia.

Refeitorio. — Quasi todos os doentes comem no mesmo logar; estão divididos por series de dez individuos; cada meza é presidida por um delles, o qual está encarregado de trinchar o comer, e de o-distribuir aos seus commensaes. Todos estão providos de um prato de fajança, de colher, garfo, e faca; ten-

do sempre reinado boa ordem, desde a instituição do Refeitorio.

Trabalhos manuaes. — Para prevenir todas as consequencias do ocio e do descontentamento, o Dr. *Leuret* occupa os seus doentes em diversos trabalhos. Aquelles, que são fortes e vigorosos vão trabalhar nos campos, ou nos jardins do Hospicio; e os que têem debil saude, ou para os quaes seriam penosos os trabalhos do campo, occupam-se em trançar palha, etc.

Taes são os diversos meios, que fazem parte da medicação empregada pelo Dr. *Leuret*, e cuja applicação é tão frequentes vezes coroada de successo nas mãos deste Pratico.

Para melhor se-appreciar a importancia do methodo do Dr. *Leuret*, transcrevemos aqui a descripção de uma visita feita ao Hospicio de Bicetre pelo Dr. *Gérard Marchant*. « A primeira vez, diz elle, que fui aos concertos musicos de Bicêtre, accompanhei o Dr. *Delaye* de *Toloza*, que tambem quiz conhecer os seus effeitos sobre os alienados. Fomos introduzidos na sala do canto, alguns minutos antes do começo dos exercicios. Trinta doentes, pouco mais ou menos, se-achavam em roda de um chefe d'orchestra; por detraz delles alguns musicos para os-accompanhar, e em frente um espaço reservado para o Medico, e os que seguiam a visita deste; o resto da sala estava occupado por bancos destinados aos doentes, que não cantavam.

« A simples vista d'esta sala produziu em mim grande surpreza; eu não sabia o que devia admirar mais, se o auditorio tão socegado e tão profundamente recolhido, ou os concertantes, cuja attenção estava toda absorvida pelo estudo das peças, que iam cantar. O vestuario dos doentes, a expressão de sua physionomia, caracterisando o estado da sua intelligencia, tudo me-impressionou profundamente. Eu já achava n'esta ordem, n'este resultado, um progresso, um poderoso meio de curativo. A entrada do Dr. *Leuret* na sala serviu de signal. Os doentes cantaram com gosto muitas peças, cujas letras moraes e religiosas, e stylo terno e expressivo contribuiam para tornar esta sessão verdadeiramente affectuosa. Um melancolico, cuja inercia lhe-imprimia o cunho da estupidez, adiantou-se sem máu humor, e cantou muitos romances com um accento triste e muito apropriado ao assumpto. Estes cantos tão bem modulados, sahindo de uma bôca sempre muda, provocaram em todo o auditorio sinceros applausos, que desenrugaram por um momento o semblante d'este infeliz.

« Mas não é sómente durante o tempo dos concertos, que os doentes recebem a feliz influencia da musica; elles tomam todos os dias licção, e durante as suas recreações os convalescentes são encarregados de excitar os outros a cantar. D'este modo os visitadores deste asylo d'alienados são affectados por maneira agradavel, o que não acontece nos outros hospitaes. Em Bicêtre facilmente nos-esquecemos de que nos-achamos entre loucos, e segundo as horas, a que chegamos, ou se-nos-representa um Estabelecimento de muitas officinas, ou uma escóla regimental, ou julgamos assistir a uma escóla de canto especialmente destinada para operarios. » *Dr. José Pereira Mendes.*

MEIO DE CONSERVAR A CRAVAGEM DE CENTEIO.

524 Muitos meios se-teem empregado para conservar a cravagem de centeio, e entre elles parece ter a preferencia o que o Sr. *Martin* acaba de propôr: diz elle, que pelo seu methodo tem cravagem de mais de dous annos perfeitamente conservada,

Eis o meio, que emprega: toma cravagem de centeio, que esteja sã, e bem sêcca, lança-a n'uma dissolução concentrada de gomma arábica, e depois de ater ahi por algum tempo, enxuga-a sobre uma folha de Flandres; em estando sêcca repete a mesma operação; duas, ou tres immersões são sufficientes. Depois de sêcca perfeitamente a ultima camada de gomma, mette a cravagem n'um frasco enxuto, e bem tapado.

N. B. Segundo elle a gomma arábica não póde ser prejudicial ao effeito da cravagem de centeio.

(Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa)

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

NOITE DE S. JOÃO

Eram fins d'esse mez festivo e bello
Consagrado a João, sancto o mais goapo
Mais garrido e brincão do kalendario:

Garrett. D. Branca.

23 *de Junho.*

525 Salve, noite mysteriosa! noite tão suspirada por mancebos e donzellas; tão festejada de todos! E como por todo o dia, que parecia eterno, andou afanosa, e não menos que afanosa, prasenteira toda a aldêa! qual foi ao bosque visinho cortar a viçosa murta e alecrim para sobre o fogo sancto perfumar os ares de suaves aromas: qual foi ao prado colher as mais frescas flores, e teceu d'ellas galhardas e vistosas capellas: qual finalmente ficou juncto da choupana enramando de verdura o mastro embandeirado, improvisando toscos arcos de triumpho.

Nada tem o estio que invejar ás outras estações, suas irmãs. Se o inverno começa com a noite do Natal; se os folguedos do carnaval abrem a porta á primavera; o estio por sua parte entra ufano em companhia do Baptista.

Tudo está prestes; eis-que chega a noite amiga. Já estála a fogueira crepitante; já soam as salvas de alegria; já ao som do indispensavel pandeiro se-cantam em solfa, desde antigas éras usada, os louvores de João; já os moços dançam, os velhos applaudem, e todos bemdizem ao menino, e como menino, tão folgazão Baptista.

Mas estai attentos, vós, que pretendeis n'esta noite de encantos consultar a vossa *sorte*; estai attentos á estrella, que vos-apontar a meia noite. N'essa hora o dedo invisivel do Baptista volverá as folhas do livro do destino, e vos-indicará a vossa sentença. — Mas tende fé, e com ella fortificai a vossa esperança, donzella enamorada, mancebo apaixonado; que não permittirá o vosso protector, que vos-deve tantos hymnos e louvores, que vosso tão puro amor seja trahido, ou mal recompensado. Sim; por sua intercessão brotará novo florir a queimada alcaxofra, ouvireis o nome de quem só occupa o vosso coração; e tudo vos-irá de bem para melhor.

Religião, que assim sabe enlaçar o amor do Creador com o de suas obras: religião, que assim repassa e cala até aos mais intimos escaninhos do coração do homem; não carece de longos e seccos arrazoados de theologos, nem de enfeitadas dissertações de philosophos para evidente demonstração de sua origem divina.

J. H. da Cunha Rivara.

LINGUA PORTUGUEZA.

AO DIARIO DO GOVERNO.

(Continuação do artigo 387).

526 Vamos procurar reduzir a poucos parágraphos o que bem era materia para grossos volumes.

Se o haver no mundo linguas, em logar de uma só lingua, é resultado necessario da constituição do mesmo mundo, ou méro effeito de muitos milhares de acasos, é uma questão ociosa; deixal-a-hemos. Se conviria, ou não, que todos os povos chegassem a fallar uma só lingua, é outra disputa, em que prós e contras, tão finamente. se-intertecem, que temeridade seria o sentenceal-a antes da grande prova da experiencia. Se, finalmente, o commércio material e intellectual, e o velocissimo viajar pela terra, pelo mar e pelos ares poderão dar de si — que dentro em alguns milhares de annos, o morador das margens do Newa tendo almoçado em sua casa, e vindo jantar nas margens do Téjo, pense, e se-exprima como os que lhe aqui derem de comer, e pratique á mesa redonda sem o mínimo empacho com o chin, com o americano, com o africano e com o novo-zelandio, eis o que não podemos prognosticar. O que sabemos, e não consente dúvida, é, — que por ora a polyglóta começada no meio das obras de *Babel* existe, e não ameaça caír tão depressa em ruinas, como a bíblica tôrre, que lhe-serviu de berço.

Ha porém uma questão ácerca da linguagem, que nem é irresoluvel, nem ociosa, nem estéril; a saber, — se cada povo deve ou não testar a seus netos, a que herdou de seus avós: — examinemol-o.

Antes de tudo é mister considerar a linguagem nas suas diversas relações. A tres capitaes se-reduzem ellas — a communicação dos affectos naturaes de todo o género: — a satisfação das necessidades individuaes ou sociaes: — o estudo e descobrimento das qualidades, assim do corporeo, como do incorporeo.

A primeira d'estas relações pertence necessariamente a cada uma de todas as linguas: a segunda pertence, com preferencia, ás linguas dos povos mais numerosos e políticos: a terceira ás das nações mais adultas e allumiadas. — Os affectos são a unica de todas as coisas sublunares, que os seculos não transformam; o amor é o que era no tempo de Propércio, no tempo de Sapho, no tempo da mulher de Putiphar, no tempo de Lia, Rachel e Jacob, emfim no tempo de Adão e Eva. O que dizemos do amor póde egualmente applicar-se ao ódio, á ambição, á amisade, ao desprezo, ao ciume, á vingança, a cada uma das affeições domésticas, etc. As necessidades individuaes e sociaes, essas sim transforma-as o tempo, que augmenta, diminue, ou diversifica os meios de as-satisfazer; ahi reina já a moda. Emfim as sciencias speculativas, e as sciencias physicas, medrançosas de seu natural, teem forçada necessidade de alterar, e locupletar de contínuo os seus vocabularios.

Os princípios, que deixamos postos, resumem o nosso pensamento ácerca do que deve ser, do que deve ter, e do a que póde, e do a que deve aspirar qualquer idioma: e ninguem os-chamará carunchosos, mesquinhos, ou pouco liberaes. Appliquemol-os á materia sujeita.

A *lingua portugueza*, fossem quaes fossem os perigrinos, e numerosos elementos, com que se-formou, cresceu, e poliu, não só chegou a ser uma lingua sobre si, mas uma lingua formosa, (o que mui poucas são, e nenhuma talvez mais do que ella); e uma lingua abastada e rica, do que nem todas se-podem gabar. O portuguez dos seculos XVI e XVII, que é o portuguez, já maduro, e succoso, e ainda não eivado, nem corrupto, é com mínimas differenças o que a nós, homens de hoje, nos-veiu por nossos avós e pais, e muito mais por nossas avós e mães, porque a lingua é como os bons costumes, onde menos se-estraga, é dentro em casa. Este grande thesouro de vocábulos, phrases, e expressões não está todo encerrado nas livrarias classicas, que é o mesmo que dizer — não jaz todo no cemiterio em sepulchros com epitaphios; — anda vivo, e em uso corrente por muita parte: nas salas menos do que nas cosinhas, casas de lavôr, e officinas; nas cidades grandes menos do que nas pequenas; mais do que em todo outro sitio na immensa povoação das aldêas, campos, praias, e serras. Em summa o portuguez legítimo, apezar das novellas, a despeito dos periodicos, e em menoscabo do perpetuo empenho dos *theatros normaes*, postoque achacado atura, e, louvado Deus, póde ser que ainda d'esta não venha a morrer. Queremos ter esta fé, e temol-a: por isso andamos pedindo aos que teem alma, o não desamparem; que lhe-não abram as veias como a damnado, a quem se-perdeu a esperança; ou o não tractem como a moribundo, a quem se-dá quanto lhe-lembra, e nenhum remedio.

Presupposta esta verdade, mui consolativa e fecunda, — de que o nosso amado portuguez não expirou, e poderá restaurar-se, — examinemos, qual será o regimento, que na presente conjunctura lhe-convem.

Quanto a nós cifra-se elle n'uma grande liberdade, e n'uma grande sujeição. No tocante ás sciencias novas, e crescentes, que todas recebemos por importação, ou sejam sciencias physicas, ou methaphysicas, ou políticas, ou economicas, ou industriaes, e similhantes, abramos os portos ás novidades: venham com as coisas perigrinas os perigrinos vocábulos, e ainda em parte a construcção e stylo, que o consenso dos sabios do mundo mostrou ser mais adequado na materia, a que os taes vocábulos pertencem; venha tudo isso, e nas boas horas venha. Mas haja ahi verificadores de *alfandega* de ôlho aberto, e mãos limpas e zelosas, que não só não deixem passar de envolta escusados e damnosos contrabandos, mas as mesmas fazendas de lei as não deixem correr sem demonstrada necessidade. Assim, por exemplo, todo o homem de tino relevará ainda os termos enxacôcos da *Phrenologia*, a sua *destructividade, amatividade, combatividade, imitatividade, etc.*; mas não perdoará ao doctor, que d'isso houver usado, quando este escrever — *madama fulana guardou o leito durante alguns dias, e se-assujeitou sem murmurio ás minhas prescripções, quaesquer rigorosas que ellas fossem. — De um ar morno e abatido ella parecia não envisajar que a salvação, á qual a sua sujeição só a-podia guiar: as suas*

vistas invocavam uma esperança, ah! que estava bem longe d'ella, e o túmulo demandava a sua présa; mas, graças aos meus soccorros ministrados a proposito, e a uma dusia de bixas applicadas sabiamente, já hontem tomou um passeio, e não ha mais logar de temer por sua sorte: com razão pois eu estou féro de haver arriscado n'esta doente uma similhante espertisa. » — Tal período é parvo em uma obra de medicina, como em uma novella, como em qualquer livro, ou folheto, ou jornal, ou conversação: e comtudo metade da medicina, que hoje se-escreve, assim se-escreve. Temos dado com mão larga a licença; pois tão liberaes somos que ainda a-queremos ampliar: — corra ella por fóra dos limites do necessario; derrame-se até aos confins do util, e, mais longe ainda, até aos do agradavel; que já é conceder a immensidade: todo o espirito bem nascido, quer poeta, quer prosador, ouse formar por derivação, por composição, por feliz e inspirada onomatopéa, e até em alguns casos, por adopção, e perfilhação, mormente do castelhano, vocábulos, que bem gravados com o moderno cunho, bem expressivos, e bem carregados de idéas, ou relações, jamais d'antes enunciadas, mereçam ficar para sempre recebidos. — A esses innovadores tributar-lhes-hemos nós as honras de classicos; anticipar-lhes-hemos os louvores da posteridade; e nos-hemos de presar de ser, no commercio das idéas, os passadores das ricas moedas régiamente cunhadas com o seu nome. ¿Este bom serviço, que a cada uma das linguas vivas e mortas fizeram seus antigos auctores, porque razão o não poderiam fazer os escriptores principes da nossa edade, ou os das edades que de após vierem?

Ninguem agora dirá que — podiamos conceder mais; nem tanto certamente nos-pediriam nossos adversarios. — Pois bem, venhamos logo á restricção, que é a outra parte do regimento de que a nossa lingua enfêrma necessita. Esta restricção, que todos os estudiosos facilmente comprehendem, difficil empenho seria o declaral-a ao vulgacho dos escrevedores leigo e anárchico: mas em summa começa, onde se-acabam as raias, que já dissemos, do necessario, do util, e dos vôos nobres da eloquencia, e poesia.

Todo o vocábulo forasteiro ou novo, posto em logar de um portuguez bom e sufficiente; toda a phrase, ou dizer extranho e superfluo; toda a construcção grammatical, contextura, ou geito de período avêsso ao nosso costume; todo o anexim, rifão, proverbio, adagio, símile, comparação, imagem, trópo, ou figura inconciliavel, ou só difficilmente conciliavel com a nossa vernaculidade do dizer, do sentir, e do pensar, são defeitos, erros, vicios, ou crimes que, em se-commettendo, logo se-hão-de castigar sem misericordia; por que todas essas e quejandas tontices não podem proceder senão, ou de culposa incuria, e falta de estudo antes do escrever, e de lima depois de haver escripto; ou de altaneria de ânimo, que adrêde, e acintemente procura dar a estrangeiros, o que nem elles, por lhes-ser inutil nos-pediam, o idioma de nossos avoengos, aquillo com que nossas amas nos-acalentaram no berço, e com que nossas mães tão guapas historias nos-ataviavam na infancia. Bem vemos nós quem são os peiores inimigos d'esta doctrina restrictiva; — são os cínicos da traducção, e os madraços do jornalismo: porque para um homem com ella se-conformar ha mister dos livros classicos manuseados de noite e dia; do diccionario sempre aberto; da attenção sempre vigilante; da paciencia incançavel, com que o nosso bom mestre *Fr. Luiz de Sousa* muitas vezes de uma pagina escripta, riscada, e rescripta, só vinha a apurar uma linha, ou uma phrase, como da fervura de um grande alambique só a gotta e gotta se-destilla espirito brilhante e precioso.

A tal incuria, desamparo, e feira da ladra é chegada entre nós a arte de escrever, que isto, que sempre e em toda a parte, foi havido por doctrina corrente, a muitos ahi escandalisará como fanatismo: ¡ paciencia! ralhem, ou riam, que não desfarão com isso o axioma, que diz que — sem aprender não ha ser mestre — e se isso é no fazer botas, como o não sería no fazer livros?

Nunc satis est dixisse, ego mira poemata pango.

Dado por certo sem mais discursos, nem auctoridades, que para escrever portuguez é indispensavel ter lido, e ler portuguez, saibamos o que da licção dos classicos se-póde, e deve aproveitar.

Teem para si os que nunca os-folhearam, que são todos elles fastidiosos, antiquados, escuros, supersticiosos, crendeiros, e não sabemos que mais: e por esta preoccupação nescia se-privam de um estudo, que sobre muito proveitoso, abunda em regalos para os que de véras o-continuam. No conversar aquelles mestres, sempre e com razão havidos por taes, cresce com a veneração o affecto, que se-lhes-tributa; o qual insensivelmente se-vai convertendo em louvavel desejo de os-imitar. No desempenho d'este desejo póde sim haver, como em todas as coisas boas, seu tal ou qual excesso; mas ha um uso lícito, antes louvavel, contra o qual é nada menos que vergonhoso o vociferar: este uso é preciso deffinil-o claramente. — Consiste elle em duas partes — na construcção do período; e na escolha das palavras, phrases, e dizêres. — Quanto á construcção do período é evidente para todos os que sabem portuguez, quanto do francez differe o nosso essencialmente; e com grande melhoria, accrescentaremos nós, e o-provariamos, se para isso houvera campo. — Quanto á escolha de termos, intendemos, que se muitos dos antigos foram bem suppridos por equivalentes, muitos outros, que se-aposentaram sem culpa, nem successores, é serviço, e grandissimo, o forcejar pelos repôr em exercicio: o que tanto não é impossivel que muitos podéramos nós inventariar ressuscitados n'estes ultimos annos, remoçados, louçãos, e correntes: e ¡ que maravilha! pois pegam palavras que nunca foram de cá, e não haviam de pegar as que já com as nossas conviveram tão fraternalmente? Os que diligenceiam restituir-nos ambas estas coisas; — as riquezas perdidas do nosso vocabulario, e a nativa construcção portugueza, — tanto os-havemos por benemeritos que até de bom grado lhes-relevaremos alguma demasia, a que o seu zelo aqui ou acolá desallumiado do que chamam bom-gôsto, os-possa porventura conduzir. Oh! se o nosso illustre adversario, collaborador do *Diario do Governo*, emvez de perseguir n'este caso o excesso de virtude, voltasse as armas contra os apostados assolladores da nossa lingua, se o *massacre*, o *deboche*, e o *debute* lhe-fizessem metade do nojo que lhe-fazem o *bofé*, o *quiçá*, e o *alfim*, quanto não ganharia na contenda o nosso bando nacio-

nal? Mas perdoar ás traducções empastelladas de gallicismos, e castigar as que vem recheadas com os fructos copiosos de muito e bom estudo, não é isso leal nem digno de tão excellente e provado juizo como o seu.

¿ Quaes serão porém os prestimos d'este trasvasar, que tanto recommendamos de um pouco do portuguez velho na enfésada aravía do nosso tempo? Muitos e momentosos: — ainda mal que só podemos apontal-os.

Quanto mais crescer a terminologia tanto mais se-augmentarão os meios de exprimir cada coisa com propriedade; de variar emvez de repetir; de chamar ou de espertar a attenção; de accudir ás precisões da oratoria e da poetica; — ¿ porque mais? Poderia alguem impugnar as vantagens de uma sinonímia copiosa?

Agora quanto á construcção do periodo excede a nossa comprehensão, como possa haver, se é que ha, entre pessoas de tino, quem anteponha a triste construcção franceza, que hoje reina, e de que *La Harpe*, e todos os críticos de lá tanto, e com tão bom fundamento se-lastimam, á contextura semi-latina propria do nosso idioma! — Com esta admiravelmente se-ajudam a clareza e a eloquencia: — com esta vem as palavras, vem as orações, intertecendo-se, collocar-se nos devidos logares para actuarem com toda a fôrça, e produzir no intendimento ou na phantasia a maxima impressão logica ou artistica: — com esta se-chega mais facilmente ao tom sincero e persuasivo, porque a fórma do nosso pensamento, em que as causas, os effeitos, e as circumstancias costumam vir promiscuos e travados, muito melhor se-coaduna o apparente enleio, e ás vezes longura do periodo, do que não as series de pontos finaes de tres em tres, ou de quatro em quatro palavras como na francezia se-pratica; — com esta emfim, e só com ella póde haver na prósa o rythmo e número tão recommendado por todos os mestres desde *Cicero* e *Quintiliano* até *La Harpe* e *Maury*; rythmo, e número, parte essencialissima da escriptura, mas cuja existencia, cujo prestimo, cuja possibilidade muita gente desconhece: não a-desconheciam Fr. *Luiz de Sousa* e Fr. *Manuel Bernardes*, que para afinar tão melodiosamente os seus períodos a nenhuns sacrificios se-forravam; sem o que, por mais excellentes, que houveram sido seus ingenhos, nunca chegariam em nossa litteratura a se-enthronisar tão altamente.

Deixamos perlibados os pontos capitaes da questão e ficamos dispostos a dar satisfação de todos, e cada um d'elles a quem quer que nol-a requeira: porque do seio da consciencia nos-saíu, quanto ahi apenas enunciámos.

Confirmamos pois contra os embargos do *Diario do Governo* a sentença que por nossa parte déramos sobre a traducção do KENILWORTH do Sr. *Ramalho*. É cheia de portuguez, assídua e copiosamente colhido nas melhores fontes; e quanto aos chamados archaismos, se os-tem, e são de vocábulos, cuja ressurreição possa aproveitar, em vez de o-censurarmos, agradeçamos-lhe o generoso, brio com que para ajudar a enriquecer a lingua se-arrosta com os desdemzinhos e epigrammas dos inimigos juramentados do *diccionario*. Accrescendo ainda em favor seu que para uma acção do seculo XVI nunca os vocábulos do seculo XVI se-poderiam taxar de mal cabidos.

D'isto pelo menos temos nós certeza, que se por esse reino fóra se-mandarem duas traducções da mesma obra, uma trescalando francezia por todos os póros, outra respirando toda portuguez classico; a segunda não só ha-de ser dos doctos preferida, senão que só ella se-verá até nos serões da aldêa, se lá chegar, lida, intendida e amada por homens, mulheres e creanças; é porque na lingua de nossos classicos, na lingua de nossas avós e amas, de nossas cosinhas e fábricas, de nossas ruas e casaes, ha o que quer que seja de sincero, de conchegativo e de nosso que só nos-parece natural: ha uma certa doçura de recordações ou saudade vaga, um cheiro quasi imperceptivel das coisas boas e bonissimas dos nossos primeiros annos, que namora e captiva independentemente dos pensamentos e affectos que d'essa tal linguagem se-revestem.

¿ Mas sendo isto assim d'onde provirá a moda de escarnecer a quem nos seus escriptos forceja por fallar ainda hoje portuguez? — Desembarcavam sabado ultimo do navio *Firmeza* para o caes do Terreiro do Paço algumas pessoas, que do Brasil se-recolhiam ao seu Portugal ricas e honradas: vinham contos *de réis* em grilhões de oiro aos pescoços e nos pulsos das mulheres e aos peitos dos homens; seguiam-nos sacos e cofres que pelo gemer, dos que os-arrastavam não deviam de vir cheios de filós e figurinos; e o povo descalço ria e motejava dos cofres e dos grilhões. — Concluamos. — O amor á lingua de nossa terra anda ligado com o amor da nossa terra e da nossa gente: é até uma virtude, companheira certa, senão mãi, de muitas outras. Quando no fallar nos-acostumarmos a preferir por timbre o nosso ao estranho, tambem por uma consequencia logica e necessaria anteporemos o nosso Doiro ao Champagne; o nosso lemiste aos pannos inglezes; o nosso Camões a Paulo de Kock; o nosso dinheiro aos toucados das modistas parisienses; e os dramas dos nossos ingenhos, que Deus ajude, ao vandeville bastardo, que Deus confunda. Amen.

(Continuar-se-ha).

(Antonio Feliciano de Castilho).

UMA VISTA D'OLHOS SOBRE A NOSSA AFRICA.

527 O que vamos a dizer ácerca do estado lastimoso da Africa portugueza, é uma mui resumida exposição do muito, que por lá vimos, e observámos, que por certo daria materia para formarmos um grosso volume, se o-houvéramos de contar miudamente. É a costa d'Africa de seu natural muito fertil; e podéra ser um paiz riquissimo, se soubéramos animar n'elle a industria, e um commercio legal, e honesto. O marfim, a cêra, os metaes, as variadas especies d'animaes, que n'elle se-criam, o caffé, o trigo, milho, centeio, linho, canna d'assucar, para não fallar já d'outras producções, dariam sem dúvida sufficiente materia d'um grandissimo commercio! Mas por desgraça d'aquelles povos, por desserviço, e discredito de Portugal parece, que um só desejo, um sentimento unanime, tem de longos tempos arrastado todos, que alli são, ou para lá vão sob qualquer titulo — o deshumano tráfico da escravatura. — A esta causa, e a outras circumstancias, que são bem conhecidas, é que se-deve attribuir o tristissimo estado, em que se-acha a nossa Africa. Deus queira, que, desenganados os cubiçosos d'aquelle bárbaro commercio, respeitem d'aqui por diante as leis, e acatem melhor os

direitos da humanidade; e que ao menos, por mais não poder ser, olhem grandes, e pequenos, naturaes, e estranhos, governadores, e governados para o verdadeiro interesse do paiz dando-se á agricultura, e á industria! Mas o primeiro passo, que é mister dar para o melhoramento d'aquella terra, o ponto principal, e a unica via, e fundamento d'onde lhe-póde vir um bem real, e estavel, é a creação religiosa, e civil: sem ella não ha regra na vida, moral nos costumes, honestidade nos contractos, crédito e honra no commercio; sem ella não ha, nem póde haver sociedade, nem coisa boa em homem: e quasi sem ella passam aquelles povos vida silvestre, e immoral. Depois da extincção dos conventos diminuindo de dia para dia o pequeno número de ministros da religião, morrendo uns de fome, outros de doenças, não ha já quem leve aos sertões, nem aos povoados a palavra de Deus; quem evangelise a paz, e ministre a doctrina, e os sacramentos. Quem poderá descrever os males, e horrores que de tamanha lástima teem nascido, e vão crescendo? Nas mesmas cidades é extrema esta falta: em *Loanda* os templos estão em ruina, e o culto sem ministros! em *Benguella* a unica egreja, que havia, não se-abre ha mais de anno, desde que morreu o vigario, que era o unico pastor d'aquelle numeroso rebanho! por toda a parte emfim procede a impiedade sem rebuço. Grande número de homens, mulheres e crianças morrem sem baptismo: nós presenciámos esta desgraça na quadra da peste, e das bexigas. Parece que a Providencia por altos juizos, que homem não póde comprehender, entregou aquellas paragens á reprovação, e as-condemnou a serem prêsa das aguias infernaes, e da rapina diabolica.... O Bispo Eleito, que tantas esperanças nos-dava de restabelecer a religião, e a moral por entre aquelles povos; e em cujas letras, e virtudes tinha a egreja africana grande promessa de benção, e explendor, aquelle zeloso apóstolo do Christianismo desde que alli chegou, e viu estado tão lastimoso, sentiu logo apertar-se-lhe o coração de dôr; sem meios, nem recursos para reparar tantos males, não encontrando um só companheiro ao menos no seu ministerio, que o-podesse ajudar, e em quem confiasse; perdeu os alentos, as esperanças e a vida. A tristeza, e mágua que lentamente o-consumiram, bem as-conhecemos nós no tempo que com elle praticámos. O lamentavel estado da sua egreja; a falta de sacerdotes em que estava; a ignorancia, e máus costumes dos poucos que por lá havia; a necessidade de estabelecer um seminario eram os pontos sobre que constantemente discorria; eram cuidados que o-traziam desvelado: e vêr que o mal crescia, que tardava o remedio, que não eram attendidas suas instancias, foi dôr profunda, que o-levou á sepultura. Grandissima foi a perda de tão digno prelado! tamanha falta não será facil de remediar. — O estado actual do clero lusitano é pobrissimo em todo o sentido: e quando fôra facil encontrar quem podesse substituir aquelle prelado, ainda assim é coisa de muita valía, e que sem tempo, e sem trabalho não se-póde alcançar, o miudo conhecimento do paiz, o tracto com os seus naturaes, a experiencia dos achaques, e dos remedios, como elle pelo sancto zêlo que o-abrazava já havia adquirido. Dos naturaes da terra, não sabemos nós, que se-possa esperar alguma ajuda na trabalhosa obra da regeneração moral, no ensino da doctrina christã, e menos ainda na licção do bom exemplo, que é a mais efficaz. Os poucos clerigos da Costa de Leste, sobre serem distituidos de toda a instrucção, teem-se dado a uma vida bem alheia do seu ministerio; todos são negociantes. O desmedido desejo d'engrossar sua fazenda é o seu evangelho; o estudo dos meios lícitos, e illícitos que com indifferença empregam, como possam contar com algum lucro, é todo o seu saber; não ha n'elles mais letras, nem outra sciencia — ignorancia, avareza, dureza de coração, usuras sem termo, cavilações em tudo; é o que por lá se-encontra. O que acabâmos de dizer, e o muito que ainda calâmos, e que mal podiamos crêr quando a toda a hora, e em toda a parte o-estavamos vendo, nos-obriga a pedir, e instar fortemente pelo remedio que nas circumstancias actuaes do Governo portuguez fôr possivel. Se ainda se-quer conservar o titulo de portuguezas n'aquellas possessões; se alli se-quer uma sociedade, um governo, um povo, dê-se-lhes pelo amor de Deus uma religião, um culto, um pastor! Dê-se-lhes doctrina, e costumes! *O Subdiácono Marinho.*

SURDOS MUDOS.

528 Sr. Redactor. — O artigo de um seu correspondente no 1.° n.° da corrente serie da Revista, sobre a arte de fazer falar os mudos, que se-diz invenção de um Portuguez, admitte duvidas. Tantos são os titulos de gloria da Nação, que intendo nada perde, ainda negado este.

É antiga a pirataria, e uzada na Republica Litteraria. Entre mil exemplos lembro o famoso do systema da immobilidade do sol no centro do mundo, que se-diz concebido pelo Prussiano Copernico no seculo 15.° e 16.° Mas esta tinha já sido a opinião do antigo Astronomo Aristarco de Samos, como refere Plutarco; adiantando alguns, que elle a-ouvira na Escola do seu compatriota Pithagoras. Outro grande exemplo: O Medico Inglez Guilherme Harveo publicou-se em 1628 como tendo descuberto a circulação do sangue. Ora ha quem diga, que elle a-aprendera de seu Mestre Fabricio de Aquapendente, na Universidade de Padua. A gloria da descuberta pertence entre tanto a um Alveitar Hespanhol, Francisco de la Reina, anterior a ambos os ditos Medicos, o qual no cap. 94 da obra impressa em Burgos em 1564 exprime claramente a idéa d'aquella circulação.

Assim no caso da loquella dos mudos. O Judêo Portuguez e Medico, Jacob ou Joani Pereira, inculcou-se em França como inventor d'esta arte. Conta-se que em 1752 fez prova d'ella na Academia das Sciencias de Pariz, e recebeu do Rei uma pensão de 800 Libras. É porém a verdade, que já no fim do seculo 17.° o Inglez Walis, Professor da Universidade de Oxford, e Soam Conrado Aman, Medico Suisso estabelecido na Hollanda, tinham conhecido e exercitado aquella arte. O ultimo publicou-a em 1701 na Dissertação — De Loquella — reimpressa em Amsterdam em 1748. Não era occulta ao nosso Judêo a prenda de Aman, porque falava d'este com grande despreso, e invejou tambem ao celebre Abbade Carlos Miguel de l'Epée o credito justamente merecido pela perfeição dada ao systema ou methodo da instrucção dos mudos, como li no 4.° n.° do Archivo Popular de 1841.

Mas a nenhum dos referidos pertence a gloria de tal invenção, sim ao Monge Benedictino Hespanhol, Fr. Pedro Ponce, fallecido no Mosteiro de S. Salvador de Onhos, em Agosto de 1584, como certifica o Mestre Yepes, Chronista d'aquella congregação, Nicolao Antonio na Bibliotheca Hespanhola e Morales, coetaneo do citado Monge, no seu livro das antiguidades de Hespanha. Accresce que no dos óbitos do sobredito Mosteiro, tinha a memoria de Ponce estas palavras — inter exteras virtutes.... in hac prœcipue floruit ac celeberrimus toto Orbe fuit habitus, scilicet, mutos Loqui docendi. — No universal naufragio das casas, rendas, e bens dos Monges, salve-se ao menos a reputação e gloria que mereceram e alcançaram por seus trabalhos, serviços, e descubrimentos. Reste-

lhes esta especie de propriedade, com as precarias prestações, e requiescant in pace.

De V. sincero e obrigado venerador e creado.

Manoel Antonio da Costa.

TOUROS.

529 Quando uma revolução se-opera no corpo social, é preciso que todos os seus membros a-experimentem, e passem pelas mesmas mudanças, porque não haveria nada mais absurdo e incompativel com a ordem do mundo se o contrario succedesse. Seria o mesmo que vermos um homem, que tivesse um membro pertencente a uma especie de animaes, e outro pertencente a outra.

Estabelecido este principio, de que ninguem póde duvidar, resta provar se os touros estão em harmonia com os costumes do nosso seculo. Tempo houve em que os combates dos gladiadores eram tidos por uns divertimentos innocentes, acabaram-se os gladiadores com a decadencia de Roma. Houve outro tempo em que se-applaudia e via com prazer dois homens matarem-se na arena, tambem passou esta epocha. Houve tempo tambem em que os mais nobres do reino ostentavam suas galas e seu valor na maneira de farpear ou passar á espada um bravo touro. Mas este tempo tambem passou. Este divertimento, apenas toleravel nos tempos do absolutismo, agora é um absurdo, um anachronismo, Quando o paiz deu um passo para o progresso civilisador, adoptando o systema constitucional, tudo devia caminhar a par d'elle, para podermos dizer livremente: estamos cultos!

Muito nos-peza (e peza-nos de coração) o sabermos que este horrivel divertimento é mais frequentado pela gente da classe instruida do que pelo povo propriamente dito. Até (incrivel parece) esse bello sexo, tão *sensivel*, tão *meigo* e *compassivo* o presenceia!!!

N'estes tempos em que tanto se-falla de liberdade, bom seria que deixassem um bocadinho d'essa liberdade aos pobres touros. Não é despotismo barbaro e feroz arrancar o pobre touro de seus lares, fazel-os correr muitas leguas, e depois martyrisal-os, e atormental-os para divertir os *cultos* spectadores! Dirá alguem *panem et circenses*, sim senhor, tambem eu, o direi, que é necessario divertir o povo, mas não com spectaculo de corridas de touros, e de execuções de alta justiça (que pela maneira com que são feitas mais parecem spectaculos que outra cousa). Queremos os *circenses* dos nossos dias, isto é prazeres que divirtam e instruam ao mesmo tempo. Queremos obras populares, queremos que o arrematante das touradas em vez de empregar o seu dinheiro para taes barbaridades o-empregasse n'algum theatro popular, accommodado ao gosto e posses do povo, onde se-representassem moralidades: onde o povo aprendesse, e se-distrahisse dos continuos pezares, (que entre elle abundam) mas entre nós os Portuguezes tão faltos de instrucção e de nacionalidade nunca isto ha de apparecer, porque tudo quanto é nacional tem estampado o ferrete da reprovação.

Domingo 13 de Junho começaram os touros, acabaram os *cavallinhos* (vulgarmente assim chamados); nos cartazes annuncía o arrematante descaradamente que vai abrir brevemente o curso de toureiro e convida os que quizerem aproveitar-se! Pouco nos admirará agora se o carrasco annunciar que vai abrir uma aula para ensinar a enforcar!

Culpados e bem culpados teem sido todos os governos (não exceptuamos nenhum) que tal teem consentido, contra todas as leis da moralidade e bons costumes. Por isso pedimos instantemente a todas as pessoas que teem algum valimento que façam todas as possiveis diligencias para se-abolir tão cruel recreação! Egualmente pedimos a todas as pessoas illustres nos-coadjuvem n'este nobre empenho, para que todo o homem que se-prezar de progressista e compassivo deve concorrer com o seu contingente; nós da nossa parte já fizemos e faremos, o que em nossas fracas posses nos-fôr possivel. — *M.*

(*Do Nacional*).

Assim se-exprime o Nacional, que é já esta a segunda vez que briosamente se-arrosta com a retrograda, obstinada e incorrigivel raça toureira: é terreno durissimo o d'esta questão, mórmente porque os adversarios usam do rojão em vez da penna, e oppõe aos argumentos a contumacia.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

530 A Russia concentra grandes forças no sul do imperio afim de ver se-termina a guerra da Circacia.

Da Prussia emigram aldêas inteiras para a America; levando algumas d'ellas os seus parochos e mestres de eschola.

Em Hamburgo formou-se uma companhia de capitalistas para ajudar o commercio secundario.

A Austria tracta de supprimir as alfandegas menores, afim de dar maior incremento á liga das alfandegas allemãs.

Na Inglaterra occupavam a attenção pública — o processo do assassino *John Francis*; que não tem cúmplice algum no seu attentado: — e as ultimas providencias do governo francez; e chega-se a cuidar que sairão os embaixadores respectivos.

Na França tracta-se de eleições: as diversas parcialidades já teem feito conferencias entre si. Os jornaes francezes sustentam uma polemica mui activa com os inglezes sobre nacionalidades.

A Hespanha prosegue na crise ministerial, e receio de *pronunciamentos* em favor da Constituição do anno 12.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

531 *Diario do Governo de 16 de Junho.* — Não trazia parte official.

Dito de 17 dito. — Idem.

Dito de 18 dito. — Tres decretos a transferir juizes. Accordam do Supremo Tribunal de Justiça. Relação de devedores á Fazenda Pública. Venda de bens nacionaes.

Dito de 20 dito. — Portaria ordenando, que os commandantes dos cruzeiros nas costas de *Africa* possam sem prévia auctorisação do governador geral tomar as providencias para esse fim necessarias. — Aviso que no 1.° de Julho parte para *Angola* com escala por *Cabo-Verde* a charrua *Principe Real*. — Portaria ordenando ao Contador de Bragança que satisfaça ao que se-lhe-ordenou no aviso de pagamento n.° 2191. — Venda de bens nacionaes.

Dito de 21 dito. — Ordem do dia do exercito, n.° 29. — Accordam do Supremo Tribunal de Justiça. — Venda de bens nacionaes.

Dito de 22 dito. — Ordem de pagamento dos soldos do mez de Maio na 1.ª e 6.ª divisões militares. — Accordam do Supremo Tribunal de Justiça. — Venda de bens nacionaes.

UM CAMELEÃO HUMANO.

532 Existe no julgado de *Lamego*, na freguezia de Valdissem, uma donzella por nome Dona *Maria*, de 32 annos, filha segunda do Sr. *Antonio Gonçalves Torres* e da Sr.ª Dona *Rosa Torres*; cuja historia, mui sabida nos arredores, é merecedora de publicidade. Succinta e fielmente a-apresentaremos, qual nos-vem, em uma carta do nosso correspondente, o Sr. *Bernardo Antonio Cardoso Machado*, conhecido e amigo d'aquella familia. Teve esta menina na edade de 15

para 15 annos uma molestia, que principiou por uma tal aversão aos alimentos, que não levava mais do que alguma pouca fructa e uma chávena de chá ou caffe: e isso mesmo o-lançava pouco depois de recebido: assim passou tres mezes. Nos tres annos seguintes antojada até da fructa só se-manteve de algumas chávenas de chá ou caffé, tomadas quotidianamente, e logo vomitalas. D'isso mesmo se-enfastiou por fim, ficando redazida á mais absoluta abstinencia: ainda assim continuou a andar de pé, e a lidar como d'antes sem sequer se-sentir privada dos regulares dispendios mensaes. Caída na cama após alguns mezes, continuou o jejum: então o seu medico lhe-applicou tres pilulas de certa composição: tres mezes depois foram as mesmas tres pilulas evacuadas tão inteiras e limpas como senão houveram servido. Assim aturou alguns annos, até que seu pai recorrendo a um médico de fama, então prêso na relação de *Lamego*, pelo receituario d'este lhe-trouxe uma sombra de melhoria, pois que tornou a-admittir a diaria chávena de chá ou caffé, apezar de pouco tempo se-lhe-conservar no estômago. A doente sobreviveu ao médico e vive, e as chávenas já passaram de uma a tres, excepto nos dias de abstinencia religiosa, em que por mortificação se-priva de duas: não havendo necessidade de que alguem lhe-diga quaes esses dias são, porque a tudo tem a memoria tão presente e o intendimento tão firme, que infunde assombro em quantos a-tractam.

Conserva-se perennemente na cama e ás escuras sem obrar nunca, e ourinando pouco, e raras vezes: só de mez a mez consente em que a-virem, e só então se-lhe-renova a roupa, a qual, ao lavar-se, toda se-desfaz. Não cria em todo o anno um só insecto de especie alguma. — ¿Como havia de pagar contribuições quem nada recebe? — Não é gorda nem magra; tem o carão alvo: o cabello, que nunca vê pente, se-lhe-conserva desenriçado e corredio. Ha um anno fallava pouco e sumido, agora tem na voz mais substancia e desembaraço.

¿Affirmaremos que seja tudo isto rigorosa verdade? não o-ousamos. Não ha muito que um egual jejum de certo inglez, depois de dar que fallar a todos os periodicos, e de ter originado muito sabias polémicas physiologicas de doctores, afinal se-averiguou não passar de um embuste.

Em Copenhague, haverá agora doze annos, acreditou-se que uma judia, além da bagatella de viver sem alimento, criava dentro em si agulhas, que lhe-saíam pela pelle; e realmente se-lhe-viam saír, e se-lhe-extraíam. O médico Heroldt escreveu um tractado para provar que uma rapariga podia ser uma fábrica de agulhas; e por derradeiro soube-se que ella mesma as-introduzia na pelle para que esse mesmo doctor, de quem sem no elle saber vivia namorada, lh'as viesse tirar e mantinha-se de assucar; descobriu tudo uma creança. Vai em vinte annos que em Santa Combadão ou perto d'ahi havia outra que diariamente, e com tanta ponctualidade, como uma boa galinha põe ovos, punha formosas bollas de barro do tamanho de laranjas: todo o povo vivia espantado, e ao cabo todo o povo desfechou a rir. ¿Mas porque no mundo tem havido eguaes trapaças, seguir-se-ha que seja esta necessariamente mais uma? Tambem não. Conviria portanto mandar pelas vias policiaes e médicas proceder a sisudo exame sobre a materia, afim de destruir uma abusão, se o-é; ou de registar para a sciencia um facto precioso. Ninguem dirá que não valha a pena. ¿¿Que grande coisa não seria para o estado actual das nossas finanças, se a physiologia nos-podesse fazer a caridade de nos-ensinar a viver sem mantimento!!

COLLÉGIO DOS MENINOS ORFÃOS DE COIMBRA.

Sua Trasladação.

533 Houve quem judiciosamente observasse, que a maior parte dos estabelecimentos de beneficencia deviam sua fundação a Senhoras portuguezas: folgamos porém em apontar uma excepção no *Collegio dos Meninos Orfãos de Coimbra*, que reconhece por instituidor ao Doctor *Caetano Corrêa de Seixas*.

Este piedoso Ecclesiastico instituiu este seminario em seu testamento, que foi confirmado por Provisão de 9 de Novembro de 1803, ordenando-se por outra de 29 de Janeiro de 1808, que o numero, edade, e qualidades dos Alumnos se-regulassem por este testamento, que religiosamente se-devia observar, sem que nenhum dos fundos e rendimentos da herança podesse divertir-se dos públicos e saudaveis fins para que os-applicou o testador.

Posteriores doações tem habilitado a Misericordia, administradora de todos estes bens, a augmentar o número dos Alumnos, que ao presente é de trinta. Aqui são instruidos nas Primeiras Letras, e doctrinados nos elementos da Religião, até chegarem á edade de se-applicarem a differentes misteres, olhando por elles a *Misericordia* até completarem o tempo de apprendizes vestindo-os, e pagando aos Mestres, que os-ensinam e sustentam. A'quelles em quem ressumbra especial talento para as Letras proporciona os meios de cursar a Universidade, onde a 25 de Julho passado recebeu o grau de Doctor em Theologia o Alumno d'este collegio, *José Gomes Achilles*, actual Parocho da Freguezia de S. João d'Almedina d'esta Cidade.

Desvelando-se porém a *Misericordia* pela boa fortuna de seus pupillos, ha muito sentia o não lhes-poder dar mais commoda habitação, por ser apertado e pouco sadío o edificio em que residiam. O extincto *Collegio da Sapiencia* por sua amplidão não só offerecia bom agazalho aos *Orfãos*, senão que podia ainda receber as *Orfãs*, cujo recolhimento sitio na *rua do Coruxe* tinha os mesmos inconvenientes que o *Collegio de S. Caetano*. Sollicitou a *Mesa da Misericordia*, e obteve por Carta de Lei de 15 de Setembro de 1841 a cedencia do Edificio e Cêrca para alli estabelecer os ramos de sua administração, e os Collegios dos Orfãos, e das Orfãs, para onde deliberou (depois de feitas as obras que demandava a Casa para habitadores de differente sexo, que haviam de viver independentes) se-fizesse a trasladação hontem 19 de Junho.

É incrivel o alvoroço com que se-esperava este dia; concorreu das visinhanças da cidade, e ainda de *Monte Mór o Velho*, e *Figueira* (que dista de Coimbra 7 legoas) grande número de pessoas; todas as ruas do transito estavam cheias, nem uma só janella desoccupada. A *Mesa da Misericordia*, mais que ninguem interessada no esplendor d'um acto, que por tantos motivos lhe-dizia respeito, não se-poupou a esforços para conseguir fosse o mais pomposo, convidando para a Procissão todas as corporações, e auctoridades.

Eram seis horas da tarde quando da Egreja da Misericordia saía este solemnissimo préstito: vinham a-

diante as Confrarias do Sacramento das nove Freguezias da Cidade; seguia-se a da *Misericordia* com os seus trezentos irmãos, após ella os Doctores e Lentes da Universidade, os Conegos da Cathedral, e a Clerezia paramentada juncto do Pallio, sob o qual levava o *Sanctissimo Sacramento* o Sr. *José Maria Torres*, Lente de Theologia na Universidade, Escrivão que fôra da *Mesa da Misericordia*. As auctoridades civís, os *Meninos Orfãos* presididos pelo seu Reitor e Vice-Reitor, as vinte e tres *Orfãs* com suas mestras e regente, o Doctor *Provedor* e *Membros da Mesa da Misericordia*, rematavam este respeitavel cortejo, que ainda acompanhava o luzido *Batalhão de Caçadores n.º* 28 em grande uniforme, com sua musica. Seriam oito horas quando entraram no templo do *Collegio da Sapiencia*, que estava ricamente armado, onde terminou esta augusta funcção pelo Hymno *Te Deum Laudamus* cantado a musica.

Esta edificante Procissão commoveu a quasi todos os que a-presenciaram: muitas pessoas, nós o-vimos, ao contemplar aquellas tenras creancinhas tão cedo privadas de seus pais, deram uma lagrima saudosa á memoria dos seus tambem já finados; muitas mãis beijando seus filhinhos rogavam a Deus lhes-aviventasse os pais; nós que não pertencemos ao número d'esses indifferentistas, a quem nada toca, unímos nossas orações ás de tantos filhos e mãis extremosas. Lembrámo-nos tambem do bom Conego *Seixas*, que se vivesse muito folgaria de vêr os *seus Meninos* tão bem agasalhados, e do bom Conego *Montanha*, que lhes-legou a sua bella *Quinta da Portella*, nas margens do Mondego, para alli se-irem espairecer nos dias de sueto. — Homens, que tanto vos-empenhaes em ultrajar os ecclesiasticos, assacando-lhes crimes abominaveis, aqui tendes dois exemplares de sólida virtude, dois varões illustres, ambos Doctores distinctos por Letras e Piedade, que tão bem se-casam, os quaes seguindo as máximas do Evangelho enthesouraram seus bens nas mãos dos pobres; outros muitos bemfeitores conta a Misericordia pertencentes a esta veneranda classe. Praza ao Ceo que se-multipliquem estes generosos exemplos de beneficencia; elle queira tambem abençoar, pelo zêlo fervoroso com que promoveram esta solemnidade, os Mesarios da *Confraria da Misericordia*, erecta em *Lisboa* em 1498 pela Rainha D. *Leonor*; viuva d'El-Rei D. *João* 2.º, e creada em *Coimbra* no anno de 1500.

Está salvo de ruinas o extincto *Collegio da Sapiencia*; continuará a existir este magnifico edificio, fundado pelo P. Prior Geral D. *Accurcio de Santo Agostinho*, dos Conegos Regulares d'este nome; poderemos ainda mostrar a estrangeiros a *quina* do seu dormitorio, como *ponta de diamante*, pasmo dos architectos; oxalá podessemos dizer o mesmo de outros ameaçados de eminente destruição. *R. de Gusmão.*

Coimbra 20 de Junho.

NOS INNOCENTES ESTÁ A VERDADE.

534 No districto de *Santarem*, no casal chamado do *Zote* viviam uma velha, que ainda se-lembra do terremoto, seu filho, e um seu neto de 5 annos. Andando-se este a folgar com outras creanças, na manhã de 17 de Maio, lhes-disse mui innocentemente « que seu pae e sua avó tinham aquella noite matado « a um homem, e que lhe-tiraram muitos 5 *réis bran* « *cos.* » Correu o dicto; nasceram suspeitas; entreveiu a justiça; foram presos os do casal; interrogados sobre o caso, negaram. — Reperguntados sagazmente cairam; e já o crime é confessado. A infame velha relatando o homicidio commettido em sua presença, pelo filho com uma faca, por ella mesma para isso apresentada, parecia tão senhora de si, como se estivera referindo a mais indifferente coisa do mundo antigo.

MENOS ROMANTICO.

535 Sob o titulo de *Mais Romantico* publicára o *Periodico dos Pobres do Porto* um envenenamento, que em o nosso Jornal foi copiado no artigo 455. Agora publíca uma carta e documento de autopsia, com que o *administrador do Concelho de Céa* impugna a veracidade da noticia. Julgámos do nosso dever dar conta d'isto; e com gôsto o-fazemos. — Em materia de horrores bem bastam os averiguados e certos; não se-deve recorrer á calúmnia para os-accrescentar. — O homem, que se-dizia envenenado, parece, que morrêra de pleuriz.

QUI PRO QUO.

536 Na semana passada o relator de um jury em causa crime tornando com os seus collegas a entrar na sala da audiencia leu por entre o mais profundo silencio dos circumstantes a sempre suspirada e sempre temida sentença. O crime tinha-se julgado provado; mas tambem se-tinham julgado provadas circumstancias attenuantes. Leu pois em voz alta e triumphal tal (o crime) por humanidade está provado! tal (as circumstancias attenuantes) por humanidade está provado. A *humanidade* era a *unanimidade* do jury.

A ré Genoveva Roza, criada de servir, de edade de 21 annos, presa havia cinco mezes, foi condemnada a um anno de prisão. Em um dos dias de meado Janeiro fôra vista á hora do meio dia lançar de um muro do quintal de seu amo (na calçada do Poço dos Moiros) para a rua um recémnascido vivo mas com uma ferida na cabeça, e que depois de baptisada viveu ainda seis horas. Presa e interrogada confessára ser filho seu e de seu amo, e que por medo que lhe este infundia o-lançára á rua. A visivel estupidez da ré, as fortes suspeitas de que realmente a-allucinariam receios de seu amo hoje preso por outras culpas, e sobretudo o não haver morto e sumido o innocente como aliás poderia ter feito; eram em verdade boas razões para a defeza do patrono e veredicto dos julgadores. Algumas explicações se-dão d'este facinoroso misterio, mas como não passam de presumpções devemos remettel-as ao silencio.

SERRA DO PILAR.

437 Este edificio e templo illustre nas chronicas religiosas, e na chronica militar de nossos tempos illustrissimo, era lástima para quantos o-visitavam convertido em montão de ruinas. Não o-pôde soffrer por mais annos a generosa piedade dos Portuenses; apesar da dureza dos tempos metteram hombros á reedificação, proseguem as obras com furia, já este anno S. Antonio havia de ser festejado no seu Altar a 19 do corrente, e a 15 d'Agosto o-será no seu a imagem de N. S. do Pilar.

HOSPEDAGEM DE TIGRES.

538 É horrendo por todas suas circumstancias, o que da Villa de Thomar nos-referem, como succedido nas immediações. Um viandante desconhecido pediu agasalho em uma casa; concederam-lh'o: está sosinho e pacifico no quarto, onde espera pernoitar. Chega o patrão, arremessa-se sobre elle, trava-lhe das mãos; sobrevem logo a dona da casa armada de um podão; e a mãe d'esta com um alguidar: o malvado segura a victima, uma mulher o-degola, outra lhe-apara o sangue!!!!

Com musica, ou mesmo sem ella, recommendamos este assumpto de drama ao Theatro Normal; mas com musica sería melhor.

BOM EXEMPLO DE HONRAS POSTHUMAS.

539 No dia 5 de Março d'este anno os Membros da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, em acto solemne reunidos, erigiam no cemiterio do Alto de S. João um monumento sepulchral mandado fazer á sua custa, e consagrado á memoria do seu defuncto consocio o Sr. José Maria Pereira e Sousa. Ahi o Sr. Joaquim José d'Almeida recitou um discurso por a mesma sociedade approvado para aquelle acto, ao que se-seguiram outros analogos dos senhores Klerk e Guedes. —

Começaremos emfim a dar apreço ao sepulchro. Ainda bem! que é elle a mais preciosa mina da moral.

POR BEM FAZER MAL HAVER.

540 Nas visinhanças de Thomar conduzia um official de diligencias para a cadêa a um homem, cujo nome e culpas ignoramos; desavindos no caminho, e enraivecido o official por palavras, que lhe o preso dirigiu, saltou n'elle á pancada tão desabridamente, que o-estendeu por morto.

Um feirante, que á hora acertava de passar pelo sitio, condoído do que vê, apeia-se, carrega na sua cavalgadura ao moribundo, para o-levar a onde o-soccorram: era tarde; o desgraçado a poucos passos expirou. O pobre feirante acha-se mettido em trabalhos procedendo agora a Justiça contra elle.

É assim ponctualmente que do sitio nos-referem este acontecimento, por dois modos escandaloso.

UMA MACHAFEMEA.

541 De Vianna nos-escrevem um singular e recentissimo acontecimento, que se ainda fôra tempo de casuistas bem podéra dar de si alguns folios de controversia. Chegado o dia de se-baptisar uma creança, rogados á pressa os padrinhos e convidados os amigos da familia, partiu toda a comitiva para a egreja, ficando em casa o pai a acompanhar sua espôsa ainda de cama. Passada uma hora ouvem o festivo repique dos sinos e pouco depois vêem com grande alegria entrar nos braços da triumphante comadre e cortejado de folgazão concurso o fructo já abençoado de seus amores. — Parabens, parabens, sr. compadre, diz o padrinho esfregando as mãos, o nosso João é um homem, não chorou nem quando lhe-deitaram a agua pela cabeça. — Que João? responde o pai, abrindo dois grandes olhos. — Que João! o afilhado. — Que afilhado? — O menino, o menino, bem empregado nome que parece um sancto. — Que sancto, ou que diabo? Ora querem vocês apostar que me-foram lá fazer da pequena um rapaz! — Realmente assim era: a femeasinha recebêra com a mais perfeita condescendencia o nome de *Joannes*. O parocho fôra enganado pelo padrinho, o qual o-fôra pelos seus ouvidos, intendendo, no relatorio invitativo do pai, *menino* em vez de *menina*: a parteira e alguns outros assistentes á ceremonia, sabiam sim a realidade do sexo, mas o que não sabiam era que Joannes não significava Joanna. A mãe atemorisada com a novidade quiz examinar por seus olhos a creança, e deu graças a Deus de que as palavras sacramentaes não tivessem tido sobre o corpo tanto influxo como sobre a alma.

O MARIDO DE MINHA MULHER.

542 Com este infame título, se-representou Sabbado no theatro normal pela primeira vez, e em beneficio do actor *Lisboa*, uma comedia que deixou a perder de vista o Richelieu; — repetiu-se ainda uma vez e foi redondamente pateada. Honra e louvor ao público! Chamava-se o tablado a eschola dos bons costumes, e é agora a platéa quem os ensina ao tablado.

543 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 15 ATÉ 21 JUNHO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior Min.°	Thermometro exterior Max.°	Barometro 9 h. m.	Barometro 3 h. t.	Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
15	62	81	762,0	761,0		N¹	Claro. — Dia quente, ar mais secco, e tarde fresca.
16	62	85	761,4	761,0		B N¹	Id. Id. Id.
17	63	84	762,2	761,8		B N	Id. Id. Id.
18	62	91	762,4	761,7		B N	Id. Dia muito quente. — Id.
19	66	91	760,1	759,0		B SO	Claro e nuvens: athmosphera vaporosa, sol descorado, e noite muito quente.
20	69	90	757 8	757,0		B SO	Id. Id. Id.
21	65	84	759,9	759,5		B ¹SO	Claro e algumas nuvens. — Dia quente. — Viração fresca.

Tem continuado sem alteração a influencia da 2.ª quadra, começada a 11 do mez, desinvolvendo fortes calores, principalmente desde 18 até 20, nos quaes o thermometro, posto á sombra, attingiu 91.° F. (26 R), acompanhada da mesma seccura no termo de Lisboa, aonde não chove desde o 1.° de Maio; porém estas rigorosas calmas teem sido em parte mitigadas pela frescura da viração mareira das tardes. — Consta-nos que em varias partes do reino tem havido chuvas de trovoada, as quaes já mencionámos, e ultimamente cahiu abundante em Tavira, no dia 5 do corrente mez.

M. M. Franzini.

Na Imprensa Nacional.